

FUNARI, P. P. A. THE BIBLE AS HISTORY PARA THE BIBLE UNEARTHED – A ARQUEOLOGIA A SERVIÇO DA FÉ E DA CIÊNCIA*

Pedro Paulo Abreu Funari¹

Resumo

O presente artigo se inicia com uma nota pessoal sobre como a Arqueologia, sob forma de leitura, atraiu o autor para o assunto - assim como aconteceu a muitos outros leitores. De tal forma que a partir desta apresentação é mostrado o ponto de vista utilizado no artigo: uma História Social da disciplina. A Arqueologia Bíblica se encontrava na encruzilhada entre razão e fé, nacionalismo e imperialismo, e o artigo explora a situação nos países ocidentais e, mais tarde, em Israel. As abordagens Minimalista e Maximalista são interpretadas de forma a estarem relacionadas às divisões sociais. Foram feitas também algumas notas sobre Arqueologia e Cristianismo Primitivo, assim como acerca de Teologia e Arqueologia. O texto é concluído mostrando a perspectiva adotada.

Introdução

Muitos de nós, como aconteceu no meu caso, foram atraídos pelo clássico *Bible as History*, publicado na década de 1950 pelo escritor alemão Werner Keller, antinazista e sobretudo colecionador de evidências arqueológicas. A obra foi traduzida em vários idiomas, incluindo o português, e isso contribuiu para que jovens de todo o mundo se sentissem atraídos pela Arqueologia - e para um renovado interesse pela Bíblia, agora fundamentado por evidências arqueológicas. Muitas décadas depois, no início do novo milênio, na obra escrita por Israel Finkelstein e Neil Silberman, os arqueólogos veteranos propuseram uma aproximação

* Texto publicado originalmente como FUNARI, P.P.A. From the Bible as history to the Bible unearthed, archaeology at the service of faith and science. *Voices*, v. 28, p. 15-23, 2016. Tradução: Tami Coelho Ocar, Mestre em História Cultural, Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP).

¹ Professor Titular, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. E-mail: ppfunari@uol.com.br

diferente em *The Bible Unearthed*. Os autores utilizaram a Bíblia como forma de narrativa e evidência arqueológica, de tal forma a criticar a leitura histórica direta da Bíblia. Eu sempre fui atraído pelo conhecimento em geral, e a Arqueologia em particular, graças a livros como o de Keller. Não tanto pelo fato deles provarem que a Bíblia estava de fato certa, mas por conta da narrativa que era muito atrativa. Na mesma linha seguia a obra de C. W. Ceram, intitulada *Graves and Scholars: The Story of Archaeology* (1949), também traduzida em diversos idiomas. Então, graças a esses livros, eu segui em Arqueologia na carreira acadêmica, e agora sou amigo e parceiro acadêmico de Neil Silberman. Este artigo, portanto, aborda questões epistemológicas relacionadas à Arqueologia como evidência material, mas há também inserido nele um subtexto pessoal. Começarei então com a explanação de meu próprio ponto de vista.

História da Ciência: uma abordagem contextual

A História da ciência sempre foi um assunto controverso. Existe uma longa e respeitosa tradição que considera a ciência como a acumulação de conhecimento, de geração para geração, com base em realizações e descobertas anteriores. De cima dos ombros de gigantes, mesmo pequenos passos podem ser considerados como um avanço, assim como foram considerados nossos mestres do Renascimento. Esta abordagem foi descrita por alguns como forma de colocar a principal ênfase em fatores internos, o que afeta mudanças em qualquer disciplina acadêmica. De fato, Erastóstenes no terceiro século D.C. não seria capaz de calcular o diâmetro de nosso planeta sem experimentos prévios e sem o raciocínio de matemáticos e geógrafos anteriores (Bozic e Ducloy, 2008). Ele se apoiou em ideias precedentes e não há discordância sobre isso. Mas dois problemas principais devem ser adicionados: o contexto e configuração de Alexandria, por um lado; e o destino de suas ideias, por outro. A Biblioteca de Alexandria foi uma instituição acadêmica advinda do movimento do império Alexandrino. Distante das polis da Antiga Grécia, trata-se de um fator chave para explicar sua conquista, muito além do alcance limitado de suas pequenas cidades e diretamente relacionado ao império e à visão de mundo. Foi um movimento que dependeu de uma mudança de cidade para mundo, da forma polis para “cosmopolis” (Macleod, 2005).

Em alguns séculos, apesar do planeta Terra ainda ser considerado redondo ou Erastóstenes não ter precisado a circunferência terrestre, as medidas foram consideradas corretas. Por centenas de anos acreditou-se que a Terra fosse plana e nenhum matemático, geógrafo ou filósofo

grego, apesar do conhecimento, foram suficientes para mudar a percepção da visão da Terra como um lugar completamente diferente. A ciência não estava alicerçada sobre seus predecessores, mas sim a partir dos princípios que foram modificados. Portanto, mais importante que o acúmulo de conhecimento, os contextos histórico, social e político são essenciais para a determinação e explicação das mudanças dentro da ciência. Isso também é chamado de abordagem externa da história da ciência, que enfatiza o quanto as circunstâncias sociais prevalecem na formação do pensamento científico, como foi proposto por Thomas Patterson (2001) ao discutir a História Social da Antropologia nos Estados Unidos - e o principal guia da abordagem utilizada neste ensaio. Em termos filosóficos continentais, levando em consideração Heidegger, Wittgenstein, Derrida e Foucault, entre outros, esta posição também pode ser considerada como um modo de focar no que é possível de pensar e dizer em circunstâncias específicas. Independente do nível de sofisticação do seu entendimento, seja ele pragmático como a postura filosófica anglo-saxônica, ou mais intrincado e abstruso como as linhas de pensamento hermenêuticas continentais, como a alemã e a francesa (Hunter 2006), parece claro que há mais que uma mera acumulação de conhecimento, sendo este o principal argumento do presente artigo. Assim, a Arqueologia Bíblica não pode ser separada da História Moderna.

Arqueologia, nacionalismo, imperialismo, razão e fé

A Arqueologia nasceu durante o movimento da Renascença, através de aristocratas, nobres, reis e papas que colecionavam antigas estátuas e inscrições gregas e romanas. A ciência teve seu início impulsionada por estes Antiquários, que tinham em suas coleções artefatos refinados, normalmente constituídos de alta arte referente à produção da alta sociedade de tradição ocidental. O etos do antiquarismo teve continuidade até seu mais importante impulso, ao final do século XVIII. As primeiras escavações em Pompeia datam de 1748, e são consideradas ao mesmo tempo como o último grande movimento do antiquarismo e como a primeira tentativa arqueológica, sinalizando uma mudança epistemológica e prática que levava a uma nova abordagem. O surgimento dos interesses burgueses, como a industrialização precoce, luta contra a distinção do status medieval, pelo capitalismo, racionalismo e Iluminismo, conduziram a convulsões e mudanças, que culminaram na criação da universidade moderna. A ciência moderna, fundamentada no racionalismo, empirismo e especialização, foi, portanto, o resultado do movimento do etos aristocrático e medieval em direção aos princípios

capitalistas, nacionalistas e imperialistas. A revolução epistemológica estava ligada ao nascimento dos Estados Nacionais e do imperialismo, ao final do século XVIII e ao longo do século XIX.

A partir daí o etos do antiquarismo diminuiu, mesmo tendo continuado a partir desta data, sendo substituído por uma nova disciplina, a Arqueologia. Epistemologicamente falando, a Arqueologia começou como uma disciplina auxiliar da História, contribuindo com o materialismo para ilustrar as documentações escritas, preservando a ciência como uma disciplina positivista. Fazia também parte da luta do nascimento dos Estados Nacionais criar um passado material, provando assim que a nação recém-nascida era a verdadeira herdeira das grandes civilizações do passado. A expedição de Napoleão ao Egito (1798-1801) é talvez o melhor exemplo, mas outros também seguiram na mesma direção de unir a construção dos Estados Nacionais ao impulso imperialista. O século XIX testemunhou diversos movimentos em ambas as direções, já que os primeiros arqueólogos, em sua maioria militares, procuravam por tesouros, a fim de fomentar a nação e o imperialismo, como foi proposto por Bruce G. Trigger, décadas depois. A Arqueologia ilustrava e provava a História corretamente. O registro escrito foi primordial e produziu o que mais tarde os estudiosos definiriam como uma narrativa de evidências materiais, que preenchia lacunas existentes. O objetivo da criação da Arqueologia, portanto, era de fomentar o nacionalismo e o imperialismo, o etos militar, e, epistemologicamente falando, o de servir como um acessório da disciplina histórica.

Desde o princípio a Arqueologia foi um empreendimento positivista, que estava longe da tradição medieval de colocar juntas fé e razão. Neste sentido, a Arqueologia Bíblica começou tarde e em um contexto muito misturado. O estudo da Bíblia foi reservado aos teólogos por séculos, e, graças ao Iluminismo se iniciou uma abordagem crítica, que induziu ao desenvolvimento lento de uma abordagem crítica da mesma. E que levou muito tempo. *A Evolução das Espécies* de Darwin foi publicada em 1859, tendo sido recebida com as mais diferentes críticas. Estudiosos iluministas saudaram a obra como a confirmação de que o texto bíblico não era um fato, mas apenas uma narrativa (ou mito, como as narrativas da Grécia antiga que são assim chamadas). Outros, porém, consideraram como algo ofensivo, que se colocava contra determinadas certezas. Portanto, a Arqueologia era vista cada vez mais como um desafio aos que liam a Bíblia em seu sentido literal, assim como o literalismo estava sendo aplicado contra o racionalismo e a compreensão humana de tudo, que incluía a religião e a Bíblia.

Os vestígios pré-históricos e a antiguidade humana foram utilizados em alguns lugares como forma de refutar as relações já estabelecidas, assim como o credo. Outros, contudo, dispensaram esta abordagem literal e buscaram por entender metaforicamente os mitos e as narrativas religiosas antigas. A Arqueologia era o fator chave a esse respeito, pois produziu evidências de que as histórias contadas na Bíblia tinham origem muito mais antiga que se imaginava, advindo de locais como a antiga Mesopotâmia – caso da passagem do Dilúvio, entre outras. A utilização de antigos textos do Oriente Próximo, relativos ao Antigo Testamento (ANET – 1950), foi talvez a consolidação desta tendência de colocar a Arqueologia a serviço da interpretação literal da Bíblia. A ciência arqueológica foi, portanto, crucial para este movimento de superação da literalidade bíblica.

Assim, a Arqueologia Bíblica surgiu muito tardiamente. A Arqueologia na Mesopotâmia e no Egito produziu uma multiplicidade de evidências, estando nas mãos dos imperialistas ocidentais, nacionalistas e, principalmente, estudiosos secularistas. A Bíblia era preservada pelos teólogos e por aqueles que se preocupavam com a fé, tanto assim que a Arqueologia Bíblica propriamente dita foi concebida a partir de uma mistura de métodos modernos e foco antiquado na fé. Isso não é irracional, se considerarmos que a maioria das pessoas daquela época, até os dias de hoje, não evitam o sobrenatural. Aquilo que os gregos chamavam de *theia*, que seriam todas as coisas que podemos afirmar que estão além do nosso entendimento e abaixo do poder de forças desconhecidas: “Deus escreve o certo por linhas tortas”, como diz o ditado. Portanto, a religiosidade não é irracional ou uma preocupação minoritária, pelo menos não até os dias de hoje, onde cada vez mais pessoas acreditam em uma miríade de forças sobrenaturais. Incluindo pessoas ateístas, que consideram que Kim Il Jong e Hugo Chaves ainda estão vivos. Mais que isso, alguns estudiosos costumam dizer que humanos são humanos por que eles pagam o respeito pelas pessoas mortas, enterrando e cultivando suas memórias, fazendo deles fiéis entre os ateus. Esta é uma declaração polêmica, mas é incontestável que a fé não é uma característica fundamental da condição humana.

A Arqueologia Bíblica começou, porém, como um esforço para provar que a Bíblia estava certa literalmente falando, ou seja: que ela era uma descrição daquilo que realmente teria acontecido. Isto era uma estranha mistura de positivismo – com seu objetivo de provar com evidências incompatíveis – e fé. Por milênios, Adão e Eva, Noé e o dilúvio, Moisés e a fuga da servidão, Cristo e uma nova fuga da escravidão, todas estas histórias foram lidas tanto literalmente quanto metaforicamente, como

lições para os homens. Era como se desde o princípio a narrativa ou o mito, como diziam os gregos antigos, eram apenas um, alertando os humanos contra a arrogância e exaltando a abnegação em benefício das crianças. A modernidade e o Iluminismo conduziram a um novo impulso para o literalismo, tanto que em vez de lições de moral para todos, a todo tempo ou lugar, a Bíblia passou a ser considerada também como documento a ser comprovado diretamente pela evidência positivista. A Arqueologia Bíblica começou como uma forma de provar fatos, não lições de moral. Esta tarefa foi exatamente o inverso do proposto por Aristóteles (Poeta. 9.1451b5-7), que afirmou que o mito era melhor que o fato, pois o fato é acidental, desnecessário e, no final, irrelevante, enquanto o mito é algo que poderia acontecer e, portanto, apelar para situações e condições universais. A Arqueologia Bíblica como a busca de provas de que a Bíblia estava literalmente correta era uma postura mais positivista e, dessa forma, não religiosa. Esta é, portanto, uma característica surpreendente da Arqueologia Bíblica, pois se utilizou de uma atitude positivista de tentar provar que a Bíblia estava literalmente correta, enquanto as leituras figurativas e morais tradicionais estavam erradas!

Arqueologia Bíblica como uma disciplina estabelecida e suas críticas

Pode-se ver que a Arqueologia Bíblica começou tardiamente e, com o passar do tempo, se tornaria mais controversa. Enquanto outros ramos da ciência estavam a serviço dos Estados-Nação, do imperialismo e do conhecimento objetivo do passado, a Arqueologia Bíblica era desde seu princípio um modo de utilizar a Bíblia como um guia para encontrar evidências da realidade por detrás dos episódios bíblicos. Melhor dizendo, como ilustração. A cultura material do passado antigo contribuiu para transformar a Arqueologia em uma atividade tanto de fé, como de razão. Tal ciência trata-se de uma disciplina iluminadora, e o motivo está em suas raízes. Medidas, datação, classificação, são todos procedimentos acadêmicos, difíceis de aprender e colocar em prática. É, portanto, incontestável que a Arqueologia depende da razão, e não da fé. De qualquer maneira, também havia interesses e imperativos nacionalistas, imperialistas e religiosos. A religião vem em primeiro lugar, até mesmo se estiver de alguma maneira a serviço do imperialismo e nacionalismo em alguns locais, como nos Estados Unidos. A Arqueologia Bíblica tratava-se de uma iniciativa religiosa que tentava unir *e pluribus unum* protestantes, católicos e judeus. Ela foi assim um movimento nacionalista, mas antes do contexto da Segunda Guerra Mundial foi também progressista, contra os preconceitos e a tradicional

exclusão de católicos e judeus da identidade americana ideal conhecida como *White Anglo-Saxon Protestant* – WASP. Não deixando também de ser imperialista, pois buscava estudar e intervir no Oriente, unindo judeus e cristãos diante dos muçulmanos locais.

Após a Segunda Guerra Mundial o mundo se deparou com uma nova situação, à medida que o mesmo havia sido transformado. Movimentos anticoloniais, nacionalismos locais em torno do planeta, o Oriente/Ocidente e o Comunismo/ Capitalismo fizeram parte dos movimentos que levaram a tais mudanças, de modo que a religiosidade, assim como a Arqueologia Bíblica, foram trazidas para o campo Ocidental/Capitalista. Israel, desde sua fundação, tomou a Arqueologia como parte de uma tarefa nacional e do etos, como aconteceu no caso paradigmático de Yigael Yadin (1917-1984), soldado e arqueólogo, pertencente à junta militar de Masada (*pace* Siân Jones) dos soldados israelenses. O sítio arqueológico de Massada está localizado no centro da identidade moderna de Israel. De tal maneira que houve reações contra a Arqueologia Bíblica, inicialmente por parte dos marxistas e depois pelos muçulmanos, que consideravam a ciência uma ferramenta de dominação por parte dos capitalistas ou infiéis, respectivamente. Ao final da década de 1960, a Arqueologia Bíblica sofreu mudanças devido a várias razões, entre elas as consequências da guerra de 1967 e devido à administração por parte dos israelenses locais na Cisjordânia e Faixa de Gaza. Tem havido uma separação crescente em Israel e além, que refletem as próprias divisões da sociedade israelense, entre aqueles que reivindicam a Terra Santa e aqueles que rejeitam essa confusão. Isto é revelado pelos diferentes usos do vocabulário: Cisjordânia é uma descrição moderna, enquanto Judeia e Samaria combinam a geografia contemporânea e a antiga narrativa bíblica.

Mesmo que essa divisão não seja exclusivamente israelense, ela acaba por afetar aqueles que se encontram nos Estados Unidos, além dos interessados no assunto. Essa cisão acabou por produzir dois polos na Arqueologia Bíblica: o Minimalismo e o Maximalismo. Além da objetividade e técnicas, tal ramificação é explicada e informada por duas percepções opostas sobre o papel das evidências passadas para as questões e interesses modernos. Alguns consideram a Arqueologia Bíblica como um empreendimento intelectual, sem relações possíveis com as reivindicações de terras dos dias atuais, enquanto outros a consideram como muito mais que mero conhecimento acadêmico, estando mais próxima do dever religioso ou étnico.

Uma palavra sobre a busca arqueológica do Cristianismo primitivo

Em geral, a Arqueologia Bíblica se refere ao Antigo Testamento – ou a bíblia hebraica – mas a busca por evidências cristãs na Terra Santa (Canaã, Antiga Israel e Palestina) também deve ser levada em consideração. A partir do século IV a fé cristã passou a basear-se em relíquias, particularmente aquelas que estavam relacionadas com a Cruz de Cristo, mas incluso também todos os outros objetos relacionados a ele. Tal movimento se intensificou com as Cruzadas, que foi estabelecida por meio de conflitos religiosos, não apenas entre católicos romanos contra muçulmanos, mas também contra judeus e qualquer irmandade cristã que divergisse em questão de tanto de denominação quanto de lealdade. Os turcos impediram tais movimentações por muitos séculos antes do declínio do Império Turco Otomano, ao final do século XVIII e começo do XIX. Assim que fora possível o retorno à Palestina, os estudiosos cristãos já se encontravam sob pesada influência positivista e hermenêutica, na tentativa de entender tanto a materialidade sobre a vida ao tempo do cristianismo primitivo, quanto à forma que os antigos textos – fossem eles canônicos ou extra canônicos – eram compostos. A partir do Mandato Britânico, e se ampliando depois de 1948, a Palestina finalmente se tornou acessível para buscas de evidências datadas de todo o período que compreende a vida de Jesus. Pode-se assim discernir a mesma divisão entre Minimalista e Maximalista, uma vez que algumas pessoas estão interessadas no tema como atividade acadêmica – ou seja: na busca pelo Jesus Histórico e os primeiros seguidores do rabi judeu – enquanto outros são motivados por seu compromisso religioso. No primeiro caso, sinagogas, cidades, habitações, cerâmicas e tudo que for relacionado ao ambiente que Jesus e seus seguidores teriam vivido, são considerados relevantes, enquanto para outros a Arqueologia deve ser interpretada como parte da prova de que sua fé está materialmente comprovada. É interessante notar que neste caso, assim como ocorre com a Arqueologia Bíblica, tal necessidade de prova material é uma abordagem mais erudita da religião e da fé, que, tradicionalmente, não precisam de evidências materiais que provem seu princípio ou crença religiosa. A fé transcende os fatos, mas as abordagens Maximalistas aceitam a ciência moderna e tentam colocá-la a serviço do dogma religioso.

Talvez o caso do sítio arqueológico de Qumran seja o melhor exemplo de tal divisão. Alguns tentam e relacionam antigos textos ao sítio, de modo que essa abordagem se conecte com a fé e a Arqueologia. Os essênios são por nós conhecidos graças às documentações. Então se eles estiveram em Qumran produzindo os pergaminhos que foram encontrados em cavernas nas proximidades esta é a forma de provar que a documentação

antiga estava correta. Outros desafiam essa junção, de forma a questionar se o sítio poderia provar algo diretamente sobre os Essênios (ou mesmo Jesus). Toda a erudição da busca pelo Jesus Histórico ignora a ideia de que a Arqueologia serve como forma de evidenciar fins religiosos. Em vez disso, a utiliza como prova do contexto histórico e cultural da época.

Uma breve nota sobre Teologia e Arqueologia

A Teologia independe de evidências, nem mesmo materiais ou arqueológicas. Entretanto, a Arqueologia tem desempenhado um papel na Teologia desde a época do Iluminismo, pelo fato da mesma poder fornecer argumentos. O início do judaísmo rabínico, depois da destruição do Templo, em 70 DC, é mais bem entendido quando estudamos as primeiras sinagogas e seus mosaicos, ou moedas emitidas por Bar Kochba; mas, sobretudo, o estado dos assentamentos judaicos na Palestina romana após a destruição de Jerusalém, e a construção da chamada Élia Capitolina em seu lugar, no ano de 135 DC. A mudança do poder político e/ou expectativas escatológicas, para uma compreensão normativa e interpretativa da fé e cultura judaicas, ganha muito com o estudo arqueológico da Palestina sob o domínio romano, bem como em relação a outras áreas ocupadas por judeus.

A perspectiva

A Arqueologia tem sido relevante tanto para os fieis como para os estudiosos religiosos, e mais ainda para aqueles que se preocupam com reivindicações territoriais e culturais. Esse fator continua a ser o mais expressivo e não há sinais de que tal movimento se reduzirá. Pelo contrário: os conflitos no Oriente Médio - incluso aqueles que foram baseados ou agravados por conhecimentos e princípios religiosos - têm se expandido no início do século 21. As Arqueologias Bíblicas e cristãs estão, portanto, diretamente e indiretamente ligadas às divisões e conflitos inter-étnicos e religiosos atuais. Os arqueólogos interessados em se distanciar de uma compreensão tão crua da Arqueologia, como a do uso de evidências materiais como ferramenta de reivindicação cultural e territorial, estão agora em uma posição mais forte do que antes. Isto se deve à crescente preocupação em se distanciar a Arqueologia do Imperialismo e da desapropriação de nativos, preocupação esta que existe pelo menos desde meados da década de 1980 e do Congresso Mundial de Arqueologia (1986). No entanto, ainda não está claro como

arqueólogos engajados em tais abordagens críticas podem influenciar em um contexto de conflito contínuo, ou até mesmo em uma guerra aberta. Seja qual for o caso, a Arqueologia continuará a desempenhar seu papel e espero que seja em benefício da coexistência pacífica, ao respeito pela diversidade e tolerância. Não se trata de uma façanha, mas de um caminho que vale a pena seguir.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a José Maria Vigil, por ter me convidado a contribuir com um artigo sobre este assunto, e a John Dominic Crossan, Margarita Díaz-Andreu, Siân Jones, e Neal Silberman. Gostaria de mencionar também o apoio institucional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A responsabilidade das ideias são de minha propriedade, sendo eu o único responsável por elas.

Referências

ABU EL-HAJ, N. (1998). *Translating truths: nationalism, the practice of Archaeology, and the remaking of past and present in contemporary Jerusalem*. *American Ethnologist*, 166- 188.

AHARONI, Y. *The archaeology of the land of Israel*. Philadelphia, The Westminster Press, 1978

ALBRIGHT, W.F. *The Archaeology of Palestine*. Harmondsworth, Penguin, 1956.

BOZIC, Mirjana; DUCLOY, Martial, *Eratosthenes' teachings with a globe in a school Yard*, *Physics Education*, 43, 2, 2008, 165-172.

BURROWS, M. *The Dead Sea Scrolls*. Nova Iorque, Viking, 1956.

CHADWICK, H. *The Early Church*. Harmondsworth, Penguin, 1981.

CROSSAN, J.D.; REED, J.L. *Excavation Jesus, Beneath the stones, behind the texts*. San Francisco, Harper, 2002.

DAVIS, T. W. (2004). *Shifting Sands: the Rise and Fall of Biblical Archaeology*. Nova Iorque: OUP.

DÍAZ-ANDREU, M. (2007). *A World History of Nineteenth-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism and the Past*. Oxford: OUP.

DYSON, S.; GRILLO, J.G.C.; FUNARI, Pedro Paulo. Classical Archaeology. In: Neil Silberman. (Org.). *Oxford Companion to Archaeology*. 1ed. Oxford: Oxford, 2012, v. 1, p. 321-325.

EISENMAN, R.; Wise, M. *The Dead Sea Scrolls Uncovered*. Harmondsworth, Penguin, 1992.

ELLDGE, C. D. *The Bible and the Dead Sea Scrolls*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

FALK, D. Text and Artifact: The Dead Sea Scrolls and Qumran. In: MORELAND, M. C. (ed). *Between Text and Artifact. Integrating Archaeology in Biblical Studies Teaching*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003, p.165-179.

FLINT, P. W. e VANDERKAM, J. C. (eds.). *The Dead Sea Scrolls after Fifty Years: A Comprehensive Assessment*. Leiden: Brill, 1998.

FUNARI, P.P.A.; HALL, M.; JONES, S. *Historical Archaeology, Back from the edge*. London, Routledge, 1999.

GROSSMAN, M. L. (ed.). *Rediscovering the Dead Sea Scrolls. An Assessment of Old and New Approaches and Methods*. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

HOLLAND, T. A. (2004). KENYON, Kathleen Mary (1906-1978). In: T. Murray (Ed.), *Encyclopedia of Archaeology: History and Discoveries* (Vol. I, pp. 762-763). Nova Deli: Bhavana Books and Prints.

HUNTER, I. *The History of Theory, Critical Inquiry*, Vol. 33, No. 1 (Autumn 2006), pp. 78-112.

JONES, Siân. Nationalism, Archaeology and the Interpretation of Ethnicity: Israel and Beyond. *Anthropology Today*. 10(5), outubro de 1994, pp. 19-21.

KERSEL, M. M. Valuing the past. Perceptions of archaeological practice in Lydia and the Levant. In: *Journal of Social Archaeology*.8, 2008, p.298-319.

LAUGHLIN, J. C. (2000). *Archaeology and the Bible*. Londres/Nova Iorque: Routledge.

MACLEOD, R. *The Library of Alexandria. Centre of learning in the ancient world*. New York, Tauris, 2000.

MAGNESS, J. *Methods and theories in the archaeology of Qumran*, 2010, Rediscovering the Dead Sea Scrolls, org. M.L. Grossman, Grand Rapids, Eerdmans, 2010, 89-107.

MAGNESS, J. *The Archaeology of Qumran and the Dead Sea Scrolls*. Grand Rapids, Eerdmans, 2002.

PATTERSON, T. *A Social History of Anthropology in the United States*. Oxford, Berg, 2001.

PHILLIPS, J. *The Crusades (1095-1204)*. London, Routledge, 2014.

PRITCHARD, James B. (1950). *Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament*, Princeton University Press, 1st edition.

SAND, S. *The invention of the Jewish People*. London, Verso, 2009.

SCHIFFMAN, L. H. *Qumran and Jerusalem. Studies in the Dead Sea Scrolls and the History of Judaism*. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

SCHIFFMAN, L. H. The Dead Sea Scrolls and Rabbinic Judaism: Perspectives and Desiderata. In: *Henoch XXVII*, 1-2, 2005, p. 27-33.

SEGAL, A. F. *The Other Judaisms of Late Antiquity*. Atlanta: Schollars Press, 1987.

SILBERMAN, N. A. (1982). *Digging for God & Country: Exploration, Archaeology, and the Secret Struggle for the Holy Land, 1799-1917*. Nova Iorque: Alfred A Knopf.

SILBERMAN, N. A. (1989). *Between Past and Present: Archaeology, Ideology and Nationalism in the Modern Middle East*. Nova Iorque: Anchor Books.

SILBERMAN, N. A. (1998). Whose game is it anyway? The political and social transformations of American Biblical Archaeology. In: L. Meskell, *Archaeology under fire: Nationalism, politics and heritage in the Eastern Mediterranean and Middle East* (pp. 175-188). Londres/ Nova Iorque: Routledge.